

Índio usa estratégia contra preconceito

Pintar os cabelos e mudar costumes são artifícios usados por indígenas na vida urbana para se parecer mais com quem mora na cidade

Fotos: Euzivaldo Queiroz

Carla Yael

Deixar a aldeia, se afastar das origens e costumes tem sido uma atitude cada vez mais frequente entre jovens indígenas. No início da adolescência, muitos se depa-ram com a falta de perspectiva de trabalho e de estudo dentro da comunidade e partem para a capital sonhando em progredir.

Cerca de 300 índios chegam anualmente em Manaus, de acordo com levantamento do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), feito em 1996. A cidade abriga hoje uma média de 10 mil índios, a maioria vinda de comunidades do Alto Rio Negro e Solimões, principalmente das etnias tucano e ticuna.

Jorge Teixeira (Zona Leste) é o bairro onde grande parte dos migrantes se concentra. Eles vivem em casas de madeira, que chegam a ser divididas por até cinco famílias. De acordo com a pesquisa do Cimi, é difícil encontrar em Manaus índios empregados. Sem qualificação profissional, eles realizam esporadicamente trabalhos informais e tentam sobreviver com a venda de artesanato.

Para fugirem do preconceito, o Cimi constatou que muitos índios escondem suas origens. Ao chegarem à capital, a primeira providência das mulheres é pintar o cabelo. Adotam costumes do não-índio para serem mais facilmente aceitas.

O sonho de buscar em Manaus uma melhor formação e poder ajudar a comunidade na volta para a aldeia é colocado em segundo plano diante das dificuldades da luta diária pela sobrevivência. Foi o que aconteceu com o índio Osman Alfredo, 26, conhecido em sua tribo por Vüecü, "onça de cores amarelas transparentes" na língua ticuna. Há dois anos ele saiu de Tabatinga (a 1105 quilômetros de Manaus). Achava que já tinha esgotado no município suas possibilidades de crescimento. "O estudo lá é muito fraco".

Na capital, Osman concluiu o ensino médio (antigo 2º grau), passou no vestibular para Farmácia e só conseguiu concluir o primeiro período. Segundo ele, o dinheiro que recebia dos pais não dava para cobrir os gastos com o curso e com outras necessidades. Ele preferiu trancar a faculdade e buscar ajuda junto à Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia (Coaiab).

"Eu desconhecia meus direitos", conta Osman, que hoje é secretário do Movimento dos Estudantes Indígenas do Amazonas (Meiam). A sede da entidade está sendo construída no Parque 10 (Zona Centro-Sul) e deverá ser inaugurada em dezembro. O Meiam existe há quatro anos e tem o objetivo de orientar índios que vêm estudar em Manaus. A casa funcionará com ajuda de organizações indígenas e só aceitará índios que vierem por meio desses órgãos.

Ajuda da família é fundamental

A adaptação do índio aos costumes da cidade nem sempre é fácil, mas com a ajuda da família pode ser menos traumática. Foi o que aconteceu com Alfredo Honorato, 23, que trouxe a mulher, também tuicana, da comunidade de Mariaçu, em Tabatinga, para ajudá-lo a suportar o período de estudo na capital. Passados dois anos, o casal já tem dois filhos.

Em Manaus, Alfredo ou Mepü-cü rü metcaacucü (fruta e flor bonita), optou pelo supletivo, terminou o ensino médio e hoje se prepara para o vestibular da Universidade do Amazonas. Vai tentar vaga para Contabilidade, graças à isenção da taxa de matrícula. "Se não fosse isso não teria condições de pagar R\$ 60".

Nas horas vagas, Alfredo se diverte se banhando nos rios da cidade, programa semelhante ao que fazia com amigos em Tabatinga.

Alfredo também faz parte do Meiam e assim como os amigos Osman e Sinésio não trabalha.

Sobrevive com ajuda de parentes e também do salário de doméstica da mulher. Sem fugir às origens, faz artesanato para aumentar o orçamento.

Em casa o idioma é o tuicano, para não perder a prática e até mesmo evitar um possível sotaque do português, facilmente percebido e criticado por membros da aldeia, justifica Alfredo. Ele explica que os índios que ficam na comunidade olham com desconfiança para as viagens dos jovens à capital. Duvidam que voltem à aldeia e lutem pela etnia.

Alfredo, Sinésio e Osman garantem que só saem de Manaus qualificados profissionalmente. Temem repetir o que ancestrais da etnia não conseguiram em mais de 300 anos de contato com os não-índios. "Até hoje não existe um ticuna com curso superior. Nosso vereadores índios não são preparados e por isso não conseguem vitórias para a comunidade", diz Osman.

Comunidade mantém a tradição

Casas simples, de madeira, somente com o essencial para a sobrevivência, mas o rádio e a televisão não faltam. É assim que vivem os sateré em Manaus, reunidos numa área verde no bairro da Redenção (Zona Centro-Oeste). São 15 famílias, a maioria com filhos já nascidos na capital.

Esse é o caso de Milka Vieira, 16, casada com um chapeiro e mãe de Ingrid, de 9 meses. Ela é filha de sateré e se criou na cidade com os costumes da tribo. Estudou somente até a 6ª série. Parou devido às constantes viagens da mãe Zeila ao município de Barreirinha, onde tem casa e vai buscar material para a fabricação de pulseiras e colares.

Na escola, Milka lembra que se cansou de "dar na cara de menino" que lhe humilhava por ser índia. "Tenho orgulho das minhas origens". Ela diz que sua única diversão é ver televisão e que apesar de ser adolescente não gosta de festas. "Sou adventista. Parti-

cipo mais de movimentos indígenas, como os que acontecem na Casa do Índio e na Maromba".

Milka tem outros cinco irmãos. Zeilda, 25, é casada com um negro, com quem tem seis filhos, e diz que no início do relacionamento sofria preconceito da sogra, que não simpatizava com índios. As duas irmãs não falam sateré, apenas compreendem. "É muito complicado. Também nunca nos interessamos", dizem.

Dos costumes da tribo dos pais, Milka lembra que preservam o hábito de comer tanaçura e saúva, dois tipos de formiga. "A gente fritava o rabo da tanaçura e da saúva comemos só a cabeça, que tem gosto apimentado".

Fora isso, Milka e Zeilda diz que são índias totalmente urbanas, não conseguiriam viver na aldeia. "Já estivemos visitando a aldeia em Barreirinha. Mas é muito ruim. Lá só tem mató, é escuro e não tem pão. Só beiju", dispiram.



A índia baniwa Ercília da Silva quer oportunidade para trabalhar, mas encontra dificuldade pela falta de experiência

Descendente de sateré fala inglês e francês

Os índios dificilmente conseguem se enturmar com os não-índios. Convivem com eles, mas a maioria procura amizades com outros índios. Dizem que sofrem discriminação de colegas na escola e no mercado de trabalho.

O descendente de sateré-maúé Ageu da Silva Vilaça, 19, nasceu em Manaus e faz questão de destacar suas origens. É envolvido com a causa indígena, já fez parte do Meiam, e sua mãe, Zenilda, é sua maior incentivadora. Ela é a coordenadora geral da Associação das Mulheres Sateré-Maúé.

Ageu estudou até a 8ª série e lembra que colegas da escola faziam gozação quando descobriam que era índio. "Até hoje o povo se espanta e pergunta como é ser índio. Digo que somos iguais a qualquer ser humano", explica, dizendo que fez questão de aprender o sateré, também entende a língua tuicana e fala um pouco de inglês e francês. "Aprendi quando trabalhava num barco de turismo".

Desempregado, o índio vive do artesanato e tenta aprimorar seus conhecimentos. Está fazendo cursos no Senai e planeja concluir os estudos na Escola Técnica Federal do Amazonas (Etfam). Ageu também sonha em tornar sua etnia mais conhecida. Ele elaborou um projeto de ecoturismo e está em busca de patrocínio.

Casado com uma mestiça e pai de duas meninas, Ageu diz que desde cedo irá ensinar às filhas sobre as diferenças das raças e prepará-las para lidar com o preconceito.



Descendente de sateré-maúé, Ageu Vilaça diz que os colegas faziam gozação na escola

Sonho é concluir os estudos

Depois de mais de doze anos sem estudar, a índia baniwa Ercília da Silva, 34, colocou na cabeça que tinha que retornar à escola, pois não teria futuro se continuasse como estava vivendo em São Gabriel da Cacheira. Ela está há três anos em Manaus e já concluiu o ensino médio, habilitação em auxiliar administrativo.

Até agora, Ercília diz que sua situação não mudou. Continua sem trabalho, mas ainda tem esperança de conseguir um. "Só querem gente com experiência. Como eu vou ter se não me dão oportunidade?"

Ercília manteve seus estudos trabalhando em casa de família. Diz que sempre foi muito bem tratada, mas cansou da profissão. Ela mora hoje na Associação de Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro (Amarn) com as tucanas Rosa Lima e Maria Rosa da Silva.

A rotina na casa se resume na confecção de bolsas de corda e cestos de palha. "As vezes demoramos mais de um dia para acabar. É trabalho e barato", ressalta Ercília. A baniwa conta que gosta de barzinhos, é fã de música sertaneja, mas sente falta da vida na aldeia. "Vou voltar para lá".

Relógio, celular e anel de ouro

As modernidades da capital atraem os índios, mas eles garantem que nada os faz deixar de lado a cultura nativa. Logo que chegam em Manaus aderem aos modismos dos não-índios, seja na vestimenta, maneira de falar e até mesmo no estilo musical. "O fato de eu usar anel de ouro, relógio ou até telefone celular não quer dizer que eu deixei de ser índio. Continuo o mesmo, só com essas novidades a mais", explica tucano Sinésio Tchine, 22.

O índio veio de Santo Antônio do Içá (a 888 quilômetros de Manaus), da comunidade Betânia, onde é conhecido como Menegü, "onça encantada". Ele está há um ano em Manaus e cursa o primeiro ano do

ensino médio. Para se manter, recebe ajuda dos pais e divide uma casa com amigos no bairro da Compensa.

Sinésio disse que prefere não trabalhar no momento. Quer se dedicar exclusivamente aos estudos para voltar o mais rápido possível para sua aldeia. Nas visitas que faz à família ele aproveita para reunir membros da comunidade e contar como é o dia a dia na capital, destacando dificuldades com moradia, trabalho e preço dos alimentos. Apesar do alerta, Sinésio conta que os adolescentes da aldeia e até mesmo os mais velhos afirmam que gostariam de um dia vivenciar essa realidade. Daí a explicação para a migração frequente.